

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Saudação de Natal

* Fernando Régis Dantas

O homem que sabe onde se encontra, que é o que quer, não é nada mais que um conjunto de atividades das quais umas já se cumpriram e outras ainda se aspira cumprir. Donde a vida é, sobretudo, uma potência, contendo uma série de atos que se vão desenvolvendo a seu tempo e a sua hora. E é ali, nesse tempo e nessa hora, onde precisamente se encontra o homem moderno, deste século fantástico.

A pressa, a competição, o caráter cada vez mais técnico, automático, frio, despersonalizado do trabalho, o materialismo desenfreado e progressivo, o desprezo pelos sentimentos e a quebra dos liames com os valores mais dignos e elevados caracterizam, infelizmente, a nossa época, a nossa vida atual. Todos esses fatores, em coexistência com o chamado conflito de gerações (entre juventude e maturidade, entre jovens e mais velhos, entre pais e filhos, entre alunos e professores) exercem uma influência decisiva na patologia de determinadas doenças, especialmente em pessoas sensíveis e de intensa emotividade.

Nos países industrializados (e o nosso Brasil já está decididamente entre eles) registra-se, nos últimos quarenta anos, tremendo aumento das depressões, da violência, da sexualidade desenfreada, da dissolução dos costumes, da desagregação da família, da falência progressiva do casamento, do abandono e violência contra os menores, e, em consequência, o aumento também do número de suicídios (homens, mulheres e crianças de 15 anos em diante!).

Progresso, técnica, consumismo, ecologia agredida, materialismo, miséria, guerras, imperialismo, comunismo, multinacionais, alcoolismo, drogas, AIDS, corrupções, mordomias desen-



freadas, pobres direitos humanos, campos de concentração, violência, seqüestros, torturas, terrorismo, usinas nucleares, discriminações, ódio, mortes sem fim! Pobre humanidade!

Cada um de nós, em sua vida, deve elaborar em seu peito, como cuidadoso artesão, um presépio que abrigue esse altar, onde todos os dias se tenha algo para oferecer a Deus. Por isto, neste dia de Natal, desejamos, em nossa condição de cristãos engajados, fazer chegar a quem se reúne na mesa familiar dos afetos ou das recordações, uma mensagem, que comporta o íntimo desejo de que cada um e todos - de uma forma ou de outra - vejam cumpridos seus propósitos comuns, suas intenções comuns e até suas esperanças.

Pensemos, e mais que

nunca neste dia e nesta noite de Natal, em acrescentar esse espírito de colaboração, em dissipar nossas diferenças, justificar atitudes, em aspirar finalidades, em que nos corresponde a todos por igual. Se assim fizermos, prontamente encontraremos esse espírito humanitário, que se alberga em cada um de nós, se reconfortado por essas forças morais e espirituais, nos dê ânimo, alento e entusiasmo, para que todos os dias sejamos autores de uma obra do bem comum.

A todo o progresso econômico deve corresponder um progresso social! Todo homem e toda mulher deve ter acesso às fontes de instrução, de especialização, de liberdade individual e familiar, de melhores condições de vida e desenvolvimento e de saúde. A essência básica das aspi-

rações humanas é a saúde e a educação. Qualquer governo que se preze e seja digno do orgulho e da admiração de seu povo não prescinde desta atuação. Eis que essas mesmas forças que, ao aumentarem nossa energia vital, nos reconciliam e fazem com que o mundo nos pareça mais amável. Por isto é necessário recordar que quem desejar contemplar o mundo em sua verdade deve estabelecer a paz em seu interior.

O homem ultrapassa infinitamente o humano. Nele Deus está presente como consistência, vida, movimento, amor e esperança. Por outro lado, é da inteligência desse mistério que devem nascer todos os programas de educação e transformação dos homens.

Vivamos este dia e esta

noite de Natal, e vivamos sem contradições, que é a única maneira de conhecer a realidade, e vivamos com otimismo, que é a forma de sintonizarmos com um mecanismo superior. Este dia e esta noite de Natal predispoem nossa intimidade e faz com que os nossos pensamentos elaborem desejo, propósito, esperanças. O mundo assim o exige.

Elevemos nosso espírito e, com ele, nossas inquietações, para que todos, a um só tempo, proponhamos viver em plena liberdade, sem temores, sem sombras, sem ressentimentos, sem egoísmo, em lugar seguro e com a satisfação de ter, sempre e a cada momento, algo para oferecer.

As forças vitais de um impulso do espírito só são efetivas quando dependem de todos por igual. Nós não gozamos de nenhum privilégio: só temos obrigação à responsabilidade. Vemos comprometido nosso destino porque sabemos que temos de dividi-lo com o destino de todos os homens. Por isso, em nosso nome e de nossa família, saudamos a todos os irmãos e aos brasileiros, desejando-lhes um Feliz Natal e um Ano Novo venturoso e de paz, e que todos saibam que não temos poupado nem pouparemos esforços para conseguir uma vida digna em uma humanidade menos infeliz, na qual todos os homens da terra possam escutar de seus seres mais queridos, com plenitude, emoção e alegria, esta mensagem: nasceu Jesus! Nosso Salvador! Feliz Natal!

E que 1993 traga para todos nós paz, ventura e felicidades e que possamos, juntos, continuar lutando por um mundo melhor, mais humano e com mais justiça social, menos violência e melhor compreensão entre os homens!

* Fernando Régis Dantas é psiquiatra e sociólogo.

Os irmãos Luchesi

* Geraldo W. S. Gonçalves

Quem buscasse os periódicos brasileiros, em toda a década dos anos quarenta e primeira metade dos "cinquenta", na procura de trabalhos sobre afecções reumáticas, deparava com boa quantidade deles, assinados por Marcello e Oswaldo Luchesi, de São Paulo.

Conhecidos por "irmãos Luchesi", não apenas publicavam trabalhos esparsos, senão que realizavam importante movimento para divulgar o conhecimento daquelas doenças; e, enfaticamente, preocupavam-se em criar um centro de estudos e de luta contra o "reumatismo", em São Paulo, com reflexos para todo o Brasil e mesmo para a América Latina, os países vizinhos.

Marcello Luchesi nasceu em São Paulo, Capital, a vinte e sete de setembro de mil novecentos e sete, filho de Luiz Luchesi e da senhora dona Annita Luchesi. Formou-se em Medicina no Rio de Janeiro, em 1932, mas logo retornou a São Paulo, ingressando, como assistente, na cátedra de Clínica Cirúrgica - professor Benedito Montenegro - da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Seu irmão, Oswaldo Luchesi, nasceu também paulista, a deztoito de janeiro de mil novecentos e quinze, e graduou-se, em 1940, pela Escola Paulista de Medicina. Como estudante, por concurso, foi nomeado "assistente-aluno" da cátedra de Clínica Propedêutica Médica, tornando-se "assistente-médico", logo após a formatura. Integrou-se, então, de "corpo e alma", à Escola, iniciada pelo grande clínico e propedêuta, professor Álvaro Lemos Torres, e continuada pelo filho Ulisses Lemos Torres e pelo notável mestre Jairo Ramos, criador de eminente escola cardiológica, com trabalhos dos mais importantes, no campo da febre reumática.

Oswaldo Luchesi, ainda estudante, sob tais influências, dedicou-se à Clínica Médica, com interesse especial para a patologia reumática, que via com frequência naquele Serviço; ainda mais, preocupou-se com seu mau conhecimento e suas "intrincadas" sistematizações, além do pobre armamentário terapêutico. Sobre isso trocou idéias com o irmão Marcello; e, de comum acordo, decidiram aprofundar-se na matéria, já cognominada e estudada no estrangeiro, como uma nova especialidade, a Reumatologia.

De pronto, entraram em contato epistolar, a partir de 1941, com grandes autoridades na matéria; notadamente, com Anibal Ruiz Moreno, na Argentina, e com Ralph Pemberton, Philip Hench e Loring Swaim, nos Estados Unidos. Do primeiro recebeu convite para estagiar em seu "Centro Anti-Reumático", em Buenos Aires; o

que fizeram, os dois irmãos, por cerca de dois meses, a partir de outubro de 1941. E, de Pemberton, então presidente da American Rheumatism Association, o presente de um "tratado básico da especialidade", o *Arthritis and allied conditions*, editado então por Bernard Comroe, o mesmo que cunhara o termo "Reumatologista", conceituado para o "médico clínico com especial interesse para as doenças reumáticas".

Aquele compêndio, como foi para mim, abriu-lhes as portas da melhor compreensão e conhecimento da matéria, por sua clareza e sua objetividade, já apresentando uma rica e grande bibliografia. Além da Argentina, informações foram buscadas no Uruguai, Chile e México, adiante do Brasil, na implantação da especialidade; assim que "Ligas anti-reumáticas" já haviam sido criadas, respectivamente, em 1937, 1940 e 1941, na Argentina, Uruguai e Chile.

Entusiasmados por Ruiz Moreno, Herrera Ramos e Pemberton, com o apoio de Ulisses Lemos Torres e Jairo Ramos, logo planejaram a "Liga Brasileira Contra o Reumatismo" e a fundaram em vinte e cinco de junho de mil no-

vecentos e quarenta e dois, apoiados também, no Rio de Janeiro, por Raul Leitão da Cunha, Annes Dias, Hélio Póvoa, Genival Londres, Jesuino Albuquerque, então secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e por Raphael Pardellas.

"Suas atividades associativas tiveram sede, segundo seus testemunhos e dos recortes de jornais diários de São Paulo, na Associação Paulista de Medicina"

vecentos e quarenta e dois, apoiados também, no Rio de Janeiro, por Raul Leitão da Cunha, Annes Dias, Hélio Póvoa, Genival Londres, Jesuino Albuquerque, então secretário de Saúde e Assistência da Prefeitura do Distrito Federal (Rio de Janeiro) e por Raphael Pardellas.

A "Liga" tinha como finalidades, além daquela explicitada no título: a fundação da Revista Brasileira de Reumatologia, de "Ligas estaduais" e a realização de "congressos nacionais". Estes foram iniciados com o Congresso Argentino-Uruguayo-Brasileiro de Reumatologia, realizado no Rio de Janeiro, sob os auspícios da Academia Nacional de Medicina, e inaugurado a vinte e três de julho de mil novecentos e quarenta e dois; na oportunidade foi decidida a fundação da então *PanAmerican League for the study and control of rheumatic diseases*; e que teria lugar, logo depois em outubro do mesmo ano, nos Estados Unidos, com a presença dos Luchesi, eleito primeiro presidente Ralph Pemberton.

Foi o primeiro presidente da Liga Brasileira contra o Reumatismo o eminente cardiologista do Rio de Janeiro, paraibano de origem, dr.

Genival Londres, como vice-presidente, Marcello Luchesi e Oswaldo, como primeiro secretário. Tornou-se a "Liga", sediada na cátedra de Clínica Propedêutica, já citada, então já chefiada por Jairo Ramos, a base para a intensa atividade dos irmãos Luchesi, em pesquisa, estudo e ensino das doenças reumáticas, com a produção de numerosos trabalhos, e uma preocupação enfática de divulgação, pois, além da publicação inicial, eram reproduzidos em outros periódicos, no Brasil e no estrangeiro.

Já o primeiro trabalho, o "Problema Higiênico Social do Reumatismo e o Plano de Ação da Luta Anti-Reumática no Brasil", apresentado no Congresso acima referido (julho de 1942), foi reapresentado nas "Jornadas Médicas de Porto Alegre" e no II Congresso Médico da Fronteira, em Bagé (RS), ambos em 1942, e foi publicado em "O Hospital" (setembro de 1942) e em "Terapia" (RJ, setembro de 1942; também na "Revista Argentina de Reumatologia", maio de 1943). O mesmo se "passaria" com muitos outros trabalhos, entre os quais cito um muito importante: Espondilite Reuma-

tóide-Anquilosante na Criança, apresentado em sessão da Associação Paulista de Medicina (1944), e depois ao VII Congresso Internacional de Reumatologia (Nova York, 1945), mereceu publicação na Revista Argentina de Reumatologia (1950), no *Annals of Rheumatic Diseases* (1950) e em "Reumatismo" (Itália, 1956).

A bagagem científica desses nossos precursores, em síntese, é extremamente variada, concentrando-se em aspectos os mais diversos, caminhando entre as patologias reumáticas mais importantes, desde os problemas clínicos, diagnósticos, terapêuticos e médico-sociais da febre reumática, da artrite reumatóide, da espondilite anquilosante, da osteoartrite e das fibrosites, até o seu relacionamento com patologias gerais, como infecção focal, leucemias, psicose neuroses.

Além do que, no relativamente pequeno espaço de cerca de dez anos, vencendo as críticas e óbices dos primeiros anos, do que lhes alertara o próprio Pemberton, publicaram cerca de trinta e cinco trabalhos, em revistas nacionais e estrangeiras, nestas no expressivo número, para a época, de "vinte e dois"; na Revista Argentina de

Reumatologia, no Boletim da Liga Argentina contra o Reumatismo, no *Annals of Rheumatic Diseases*, na *Excerta Médica*, na *Revue du Rhumatisme et maladies osteo-articulaires* e em *Reumatismo*.

A diversidade dos assuntos abordados, não se prendendo ao Reumatismo Poliarticular Agudo e patologias isoladas ou inusitadas, sobre que versavam, com muito poucas exceções, os precursores de então, faz-lhes valer, aos "irmãos Luchesi", a primazia, que não se lhes pode negar, da introdução no Brasil da Reumatologia; aliás, o que foi objeto de proposta por eles apresentada no Congresso Argentino-Uruguayo-Brasileiro de Reumatologia, mais de uma vez aqui citado.

Suas atividades associativas tiveram sede, segundo seus testemunhos e dos recortes de jornais diários de São Paulo, na Associação Paulista de Medicina. E, com o apoio desta, organizaram e realizaram o I Congresso Paulista de Reumatologia, em conjunto com o II Congresso Médico Paulista (março de 1945), no qual apresentaram dezesseis trabalhos sobre afecções reumáticas.

No mesmo ano (em setembro), estiveram presentes ao I Congresso Interamericano de Reumatologia (Poços de Caldas, MG), com a apresentação de oito trabalhos; destaques-se o convite para comparecerem ao VII Congresso Internacional de Reumatologia, do então *American College of Rheumatology* (New York, 1949), no qual Oswaldo Luchesi apresentou o trabalho *Scapulo humeral joint diseases*.

As atividades de magistério de Oswaldo, como já dito, iniciaram-se logo após a sua formatura (dezembro de 1940), na cátedra de Clínica Propedêutica Médica da Escola Paulista de Medicina (serviço do professor Jairo Ramos), voltando-se, a partir de 1942, para as doenças reumáticas. Aquelas com palestras e cursos, dentro da cátedra, ou em outros serviços ou associações, como a dos ex-alunos da Escola Paulista de Medicina. E, a partir de 1949, idealizou, organizou e passou a dirigir o Serviço de Assistência à Criança Reumática, da EPM e do Hospital São Paulo.

Seus esforços fizeram-lhe merecer o Prêmio Lemos Torres (EPM) e o Prêmio Diogo de Faria, da Associação Paulista de Medicina, pelo trabalho (de ambos) sobre "Es-

tudo Clínico e Anátomo-patológico dos Nódulos Sub-cutâneos na Artrite Reumatóide".

Honrarias lhes foram concedidas, também, pela Revista Argentina de Reumatologia, como "colaboradores estrangeiros" (1942), da *American Rheumatism Association*, como membros honorários (1942), e como membros da *Ligue Internationale contre le rhumatisme* (Paris, 1949); o título de "cidadãos honorários", de Recife, e a Medalha de ouro e diploma, da Câmara de Comércio e Indústria da cidade de Lucca (Itália), aos "Luchesi que honraram a Itália no mundo".

Apesar de tudo, os sopros do destino haviam de os desviar da Reumatologia, quando, por herdarem importante indústria de família, passaram a dirigi-la, na falta de quem mais pudesse fazê-lo. Assim, paulatinamente, a partir de 1950, foram deixando a especialidade e aquele empenho de quando, para ela, tinham dedicação integral. Assim mesmo, ainda vamos encontrar seus trabalhos, publicados na Revista Argentina de Reumatologia (1951), em "O Hospital" (1955) e "Reumatismo", além das duas anteriores (1956). Mesmo porque, suas atividades didáticas, de assistente da cátedra, perduraram até 1962, quando deixaram aquele cargo e o de diretor do Ambulatório de Clínica Propedêutica Médica, da Escola Paulista de Medicina.

Desta forma, em acordo com meu "compromisso de pesquisador" (que explicito na "Introdução" deste livro), de manter minha "independência mental e professor a religião da verdade" (apud Cajal), Marcello e Oswaldo Luchesi merecem reconhecimento como os primeiros especialistas brasileiros, precursores mais que legítimos da nossa especialidade, e, indubitavelmente, foram "pioneiros", "senso lato".

E, não os desmerece, de modo algum, não serem incluídos como pioneiros no sentido adotado na presente obra: aqueles que, empunhando o bastão dos precursores, fundaram a Reumatologia que aí está, iniciada pela instalação da Sociedade Brasileira de Reumatologia, que logo se integraria à *PanAmerican League Against Rheumatism*, e à *International League Against Rheumatism* para iniciar a série contínua dos "congressos brasileiros", que logo foram aureolados por cursos, disciplinas oficiais, escolas de formação graduada e pós-graduada, simpósios múltiplos no País e no estrangeiro, que se ampliaram por todo o território brasileiro e transpuseram fronteiras. Contudo, será de meridiana justiça entoar merecidas loas aos Irmãos Luchesi.

* Geraldo W. S. Gonçalves é escritor e membro da Academia Cearense de Medicina.

Neves-Manta, psiquiatra, escritor e administrador

* Edmundo Mata

Peço vênha à douta mesa, aos homenageados desta sessão do Dia do Médico, aos professores aqui presentes e à seleta assistência, para iniciar minhas palavras lendo este belo poema sobre o médico, escrito por Álvaro de Albuquerque:

O MÉDICO

"Por certo, nem te lembras (tão criança eras naquele tempo). E no entanto, um homem, muitas vezes, mudou o pranto de teus pais, em sorrisos de bonança! Por certo, nem te lembras (talvez, já te canse a memória...) Um dia, no entanto, esse homem terá sido mais que um Santo. Salvando o teu filho, tua esperança...

O bem que se recebe a gente esquece...
Somente a dor jamais é esquecida!
Aquele que a curou... desaparece!
mas se este poema acaso te entenece.
Ama teu médico através da vida, Lembra-te dele, ao menos, numa prece!"

Na grande jornada pela estrada incerta da vida, o caminho é longo e semeado de obstáculos, recortado de dúvidas, sombreado de angústias, cimentado de comidas e fadigas, mas iluminado pelos raios energizantes da esperança e com passagens sobre trechos melhorados e retificados pelo esforço e pela dedicação de algumas pessoas

O prof. Inaldo de Lyra Neves-Manta - o nosso médico homenageado de hoje -, ao limiar de seus respeitáveis noventa anos, soube caminhar por essa estrada, com a fibra de um guerreiro vitorioso. Neves-Manta é um dos brasileiros que, por seu espírito de luta, sua inteligência e seu talento privilegiados, seu trabalho e suas realizações, seu grande exemplo, tem seu nome escrito em letras maiúsculas e duradas nas páginas do compêndio histórico da Psiquiatria, da Medicina, da Cultura, da Assistência Psiquiátrica de nosso Brasil.

Elogiá-lo seria supérfluo. Descrevê-lo, em detalhes, seria



estender-me demais. Limitar-me-ei então a pinçar de seu "currículo" alguns fatos relevantes para entendermos melhor a justeza e a importância desta homenagem - ao lado de tantas outras já recebidas por ele, neste Brasil e em outros países - prestada agora pela classe médica paulista, através de sua instituição máxima, nesta sessão magna prestigiada pela presença de ilustres personalidades como os professores Carlos Lacaz, José Ribeiro do Valle, Carlos Alberto Salvatore, Eduardo Simões, Nelson Proença, Roberto Godoy, Luiz Muller Paiva, Maurício Knobel, de Campinas; Jayme Specterow, do Rio; Wirtton Palermo, da AMB; Clidenor Freitas, diretor-fundador do Sanatório Meduna, de Teresina, Piauí.

Desde jovem, Neves-Manta revelou sua disposição à luta e sua tendência à rebeldia - no bom sentido de renovação e não no de protesto e destruição -, como é comum em nossos dias. Com dois anos de formado já integrava o grupo de sócios-fundadores da primeira Sociedade Brasileira de Picanálise, perfilando-se ao lado de Juliano Moreira, Franco da Rocha, J. P. Porto Carrero e Durval Marcondes. Aos trinta anos fundava,

com outros colegas, o Sindicato de Médicos do Rio de Janeiro. Mais tarde, tornou-se docente da Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina. Depois foi professor de Psiquiatria das Faculdades de Medicina de Vassouras e Souza Marques, do Rio. De ambas recebeu o honroso título de professor emérito.

Em 1945, ingressava na Academia Nacional de Medicina, vindo a ser seu presidente nos biênios de 1963/65 e 1967/69. Suas gestões foram marcadas, entre outras coisas, pelo aumento do patrimônio imobiliário, pela criação do Museu dos Acadêmicos (batizado mais tarde com seu nome), pela transformação de dois salões ociosos em pequenos auditórios e pela instalação de um bem aparelhado "Pronto-Cór", para garantir a saúde dos venerandos "imortais".

Em 1974, foi eleito presidente da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro (APERJ), sendo reeleito por três vezes seguidas. Sob seu comando, a APERJ cresceu e se destacou. Adquiriu-lhe sede própria. Aumentou-lhe o quadro social. Publicou, como fundador e editor responsável, de 1973 a 1985, "Notícias Psiquiátricas", um informativo atualizado e de posição eclética,

que se tornou leitura indispensável dos psiquiatras brasileiros.

Recordarei ainda que Neves-Manta publicou nove livros interessantes (esgotados), com destaque para "A Arte e a Neurose de João do Rio", hoje em sexta edição. Fez oito "orações gratulatórias" na ANM. E prefaciou 27 obras. Sem contar os inúmeros artigos de caráter médico-social e literários publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Entre outras honrarias recebidas, destacarei quatro títulos de "Professor Honoris-Causa", dois de professor emérito, e os títulos de comendador da Ordem do Mérito Médico, de "Cidadão Honorário" e de "Cidadão Benemérito" do Estado do Rio de Janeiro. Foi ainda Patrono de várias turmas de Doutorandos.

Neves-Manta, conhecido como médico e psiquiatra eminente, como intelectual de alto gabarito e como idealista renovador, surpreendeu a todos os seus colegas e amigos por seu pragmatismo e seu tino administrativo revelados, inicialmente, como diretor do Serviço de Medicina e Higiene Mental do Antigo Ipase (1952) e confirmado depois, nas presidências da ANM e da APERJ.

Porém, uma das características mais relevantes na vida de Neves-Manta foi a de ter sido um dos pioneiros da modernização e dinamização da assistência aos doentes mentais no Brasil, hoje tão alardeada demagogicamente como novidade, pelos adeptos da corrente ideológica da Psiquiatria Social, chamada por alguns mais radicais de Psiquiatria Democrática. Neste passo, breve teremos a Cirurgia Democrática, a Obstetria Democrática...

Foi Neves-Manta o primeiro, no Brasil, a instituir a assistência psiquiátrica na Previdência Social. O primeiro a preconizar a assistência ambulatorial e não somente a hospitalar, criando clínicas abertas privadas, por medida de economia, já que, como é sabido, os serviços estatais custam sempre três a cinco vezes mais caros aos cofres públicos. Instituiu, além disso, a internação breve, para evitar a "hospitalose". Combateu o isolamento hospitalar, estimulando a relação família-paciente. Entretanto, é muito estranho e lamentável que esta importante fa-

ceta da vida de Neves-Manta venha sendo sistemática e injustamente omitida nas páginas da história da assistência psiquiátrica brasileira.

Neves-Manta nasceu em 1903, em Jaboatão (Pernambuco). Diplomou-se em 1929, na tradicional Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, no Rio, onde fixou residência. E teve como guias na Psiquiatria os consagrados mestres Juliano Moreira e Henrique Roxo. Foi amigo particular de Franco da Rocha e de Pacheco Silva. Com estes mantinha correspondência assídua. E as cartas manuscritas de ambos foram oferecidas por ele ao prof. Carlos Lacaz para figurar no acervo do Museu da Faculdade de Medicina da USP.

Poucos psiquiatras brasileiros têm uma folha corrida de trabalho tão rica, tão respeitável e tão consagrada por méritos e por serviços prestados à Medicina, ao Ensino, à Cultura, à Administração Pública e à comunidade como a de Neves-Manta.

Pedro Calmon chamou-o de o poeta da Psiquiatria. Não me consta, porém, ter Neves-Manta cultivado a Arte do Verso e sim a Arte da Prosa. E como sabe usá-la! Escreve num vernáculo castiço, em estilo leve, vibrante, original - "Num instante como este em que a humanidade que é fraca, claudica, e a que é forte, falha, em que o amor refluxa por apagado, em que as rosas murcham sem perfumes, e os nossos próprios olhos apenas sorriem" - escreveu Neves-Manta num de seus livros - "amemos a Deus num culto confortante de espiritualidade, que é também uma outra maneira risonha de viver a vida..."

Neves-Manta mobilizou sempre o que lhe veio do berço: a fibra dos valentes e o talento dos iluminados. Este é um breve perfil do brasileiro que a classe médica paulista, através da APM e de seu Departamento Cultural, homenageia nesta data máxima, neste momento solene. Parabéns à APM! Parabéns a Neves-Manta por seus noventa anos e por seus méritos!

* Discurso proferido na solenidade comemorativa do Dia do Médico, em 16 de outubro último, na sede da APM.

Neonazismo, instinto bestial

* Nana Hamaoui

"A retórica do nazismo animava instintos de bestas-feras. Por isso o orador Hitler conquistara as massas germânicas com tanto sucesso. Ele dizia em voz alta, aos berros, o que realmente o povo de recalcados, de vontades e desejos ferozes pensava em voz baixa."

José Lins do Rego (em Poesia e Vida "Eu sou Americano")

Por mais de cinco décadas tenta a humanidade em vão esquecer os horrores das atrocidades cometidas pelos nazistas. Movidos mais por temperança do espírito do que pela brandura, sentiram os homens a necessidade de suportar o luto por sua gigantesca perda, tentando iludir-se a respeito do caráter das próprias emoções.

Invadidos permanentemente pela tortura das lembranças do macabro genocídio, aos sobreviventes restou a árdua missão de se agregar na busca de forças supremas para reconstruir uma sociedade de aquela época encontrava-se esfacelada.

É próprio do homem tomar-se capaz de aceitar certas experiências aterradoras de sofrimento e de intensa dor, lançando mão de mecanismos psicológicos que estão à sua disposição, o que nos faz compreender como, dilacerado, encontra uma via para suportar recordações de tal espécie.

Havendo perda de sensibilidade, com uma espécie de apatia no momento do abalo, posterga o homem o terrível choque para mais adiante, tornando suportável e menos perigoso para si sensações que lhe seriam esmagadoras.

Os sobreviventes do genocídio, parcialmente paralisados, passaram a se movimentar movidos pela busca de soluções, adiando o sofrimento e a dor para depois. Toma-

dos como que de inconsciência temporal, tomou-se-lhes concebível continuar vivos. Com semelhante dinâmica psicológica conseguiram os alemães nazistas aliciar jovens adolescentes para engrossar suas fileiras. (Nesse processo observase que o homem, impossibilitado temporariamente de manifestar seu afeto por alguém, vê-se obrigado a contê-lo para manifestar em outro momento, em relação a outra pessoa.) A história nos mostra que a cultura alemã, assim como seu povo, preconiza, na educação, excessiva rigidez e severos padrões disciplinares.

Ensina-nos a psicologia que uma moral rígida e repressiva tende a formar pessoas com personalidades conflituosas e autocensura extremamente exacerbada. Os impulsos reprimidos manifestam-se então como permanente advertência de punições severas. Essas pessoas são portadoras de superego severo e a serviço dele manifestam-se de forma provocativa e desafiadora, desrespeitando os valores humanos e sociais. Nessa abordagem conclui-se que: os jovens alemães formados numa sociedade de valores morais rígidos e severos, obrigados a conter seus impulsos agressivos, próprios da adolescência e comumente dirigidos à família e autoridades, escolheram outro destino para esses impulsos: os judeus, que à época eram o principal alvo das perseguições nazistas.

A retrospectiva histórica aponta a eterna questão: "Qual o mecanismo que esteve presente quando a humanidade assistiu placidamente ao holocausto?" A nós resta tentar investigar qual o fenômeno que se desenvolveu. Teria sido grande demais o choque para que os homens necessitassem postergar suas defensivas para mais tarde? Levantarão alguns e dirão: sim, pois não esta-

vam presentes às chacinas e desconheciam os acontecimentos. Será que é preciso presenciar o ato do crime? O corpo por si só não é a própria evidência desse? Será que é preciso ver o rosto de quem clama por socorro para saber que suplica por ajuda?

Sempre que se pensa nesse período histórico instala-se o vazio da questão sem resposta: "Como puderam milhões assistir silenciosamente à tamanha brutalidade humana, com seus semelhantes submetidos às maiores torturas e à mais baixa degradação para serem mortos com geniais e criativos inventos?"

De que insuficiência foram acometidos os que se denominam homens para se sentirem impedidos de suspender a barbárie e a crueldade que presenciavam? Teoricamente, selvageria semelhante só é possível de ser observada entre loucos, insanos e furiosos.

Assistimos atualmente os grupos neonazistas emergirem nos mais dife-

rentes lugares e a dúvida surge novamente: por que não têm as autoridades uma conduta de ação mais efetiva, ao se defrontar com o velho monstro, a anomalia, o nazismo? Monstro que superou em efeitos reais a imaginação e o potencial de fantasia dos maiores cineastas, considerados hábeis em criação de monstruosidades figuradas, que provocam pânico e terror a qualquer assistência.

Presenciamos a sociedade que se encontra prostrada, aguardando não se sabe o quê, sentida alienadamente no lugar da assistência, enquanto o palco é povoado de cenas macabras. Possivelmente espera o fim do primeiro ato. Nos bastidores a satisfação é sentida e a alegria corre solta, pois mais uma vez concretizar esse espetáculo tornou-se real. A possibilidade da apresentação de todos os atos transmite-lhes a força necessária para idealizar novos projetos.

* Nana Hamaoui é psicóloga.

Ao meu amor

* Raymond Victor Hegg

- Iremos sempre juntos para a frente
- Gozando esta ocasião inesquecível;
- Não pensaremos jamais
- Em sacrificar esse sublime amor
- Zelamos fundamentalmente por ele
- Irmanados com todos que nos são caros.
- Temos em nossa mente que
- A esperança nunca morre
- Ela está constantemente presente.
- Resplandecente é a vida em comum
- Ambos pensando um no outro
- Y eternamente unidos.
- Momentos inolvidáveis vivemos a dois
- Outros deverão suceder-lhes.
- Nada poderá toldar tal lembrança
- Durante nossa passagem por este mundo.
- Há uma aurora luminosa que se aproxima
- E solicitamos-lhe que possa
- Gerar a todos nós amor, paz e saúde
- Graças à ELE que está ao nosso lado.

No dia 4 de dezembro, a Associação Paulista de Medicina entregou quatro placas de prata a médicos que se distinguiram na profissão. As homenagens foram prestadas na cidade de Jaú, durante jantar para cerca de trezentas pessoas. Os agraciados, que foram saudados pelo diretor cultural da Associação, são os seguintes: Pedro Antonio Mercadante, da cidade de Mineiros do Tietê, Hélio Inforzato, de Bocoína, Constantino Antonio Frohni, de Barra Bonita, e Evilásio Gamberini, de Jaú.

Ainda sobre Jaú, o ex-secretário de Educação e Cultura da cidade, José Raphael Toscano, administração Celso Pacheco, publicou lindo livrinho sobre João Ribeiro de Barros (Apontamentos Históricos), contando a vida e a obra do grande aviador que, em 1927, a bordo do hidroavião batizado de Jahú, decola de Gênova para posar triunfalmente em águas brasileiras, façanha que até então jamais fora realizada, traçando na história dos povos sul-americanos o formidável marco da primeira travessia aérea do Oceano Atlântico, entre a Europa e a América. O herói, aviador João Ribeiro de Barros, era natural de Jaú, donde o nome da sua máquina de voar, do seu "pássaro vermelho"

Duílio Cirspim Farina acaba de lançar mais um livro: "Esculápios, Boticas e Misericórdias, em Piratininga D'Outrora", ed. Artes Gráficas e Editora. O autor, renomado médico e escritor, aborda variados temas de grande interesse para a história da Medicina pátria. Escrito em linguagem clássica, com grande erudição, finca marcos importantíssimos que se deram em Piratininga d'outrora. Revive as primeiras Misericórdias, as primeiras Boticas, esculápios e boticários, com cuja descrição o leitor irá sentir-se como que de volta àqueles tempos, mergulhando num passado repleto de tradição e de culto aos nossos mestres e às nossas raízes. Há um exemplar do livro, para consultas, na Biblioteca da APM.

Estão abertas as inscrições para a Segunda Jornada Paulista Médico-Literária, patrocínio da Universidade São Francisco (Bragança Paulista). Da Jornada faz parte um concurso literário, do qual podem participar médicos e estudantes de Medicina. O regulamento encontra-se à disposição dos interessados na rua Alves Guimarães, 266, CEP 05410, Capital, onde funciona a sede da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Os trabalhos devem ser enviados até 30 de janeiro próximo.

Inaldo de Lira Neves-Manta lançou a sexta edição de seu clássico livro "A Arte e a Neurose de João do Rio", ed. Folha Carioca. O autor é renomado psiquiatra, um dos grandes mestres da Psiquiatria brasileira. A obra aborda o cabotismo de João do Rio e o grande êxito que ele conseguiu lograr, conseqüente à sua incomparável audácia e ao seu grande talento, tudo narrado de forma clara e erudita, o que faz do livro um clássico da literatura psiquiátrica nacional.

Carlos Alberto Pessoa Rosa vem se destacando como um dos principais médicos poetas do Brasil. Só em 1991 recebeu treze prêmios literários em nível regional e nacional. Recentemente participou do 2.º Concurso Poético para a Língua Portuguesa, em Lisboa, Portugal, e, por decisão do júri final, a sua participação foi considerada de especial valor e enquadrada entre as melhores do respectivo grupo. Os poemas escolhidos vão ser publicados, e constar, definitivamente, do livro Cancioneiro Infante-Juvenil para a Língua Portuguesa. A sessão de premiação ocorreu dia 5 de dezembro, na sala de congressos do Hotel Penta, em Lisboa. Em nome de toda a diretoria da APM cumprimentamos o ilustre médico poeta, cujo prêmio recebido é motivo de orgulho para os médicos brasileiros.

G.A.P.